

História em quadrinhos e suas possibilidades na educação: discursos e representações da Guerra Fria a partir de *Watchmen*¹

Marlon Miranda²
Bruna José Fontoura³
Rafael José Bona⁴

Resumo: As histórias em quadrinhos, oriundas do entretenimento, têm sido utilizadas de forma positiva por docentes das mais diferentes áreas do conhecimento. Parte-se do pressuposto, por exemplo, que a narrativa gráfica de *Watchmen* pode ser utilizada como fonte histórica por trazer representações e discursos do confronto entre os EUA e a URSS para a sala de aula. Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar algumas representações da Guerra Fria, a partir da história em quadrinhos *Watchmen*, de Alan Moore e Dave Gibbons, e sugerir propostas para o ensino de História no 9º ano, ao se trabalhar o conteúdo da Guerra Fria.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Comunicação. Educação. Guerra Fria. *Watchmen*.

1 Introdução

Com os recentes confrontos entre a Rússia e a Ucrânia que têm sido noticiados frequentemente pela mídia, desde o início de 2022, as temáticas de guerra acabam por aparecer em discursos nas redes sociais digitais, em conversas no cotidiano, na sala de aula, entre outros. Décadas anteriores, logo após a Segunda Guerra Mundial, o mundo passou a vivenciar um tipo de conflito, digamos que bem característico, pois tratou-se de uma disputa entre as duas grandes potências mundiais daquele período histórico, EUA e URSS, e a peculiaridade desse processo se deu no fato dessas nações envolvidas, não terem proporcionado um confronto bélico direto – daí o motivo desse processo histórico ser denominado como Guerra Fria.

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Narrativas Contemporâneas nas Mídias, do XVI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 26 setembro de 2022.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Furb) e graduado em História (Furb).

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Furb).

⁴ Doutor em Comunicação e Linguagens (UTP) e mestre em Educação (Furb). Professor orientador. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Furb) e dos cursos de graduação da Furb e da Univali.

Contudo, sem necessariamente um confronto direto, “ambos usaram a ameaça nuclear, quase com certeza sem intenção de cumpri-la” (HOBBSAWM, 1995, p. 227). Foi muito mais uma disputa do ponto de vista ideológico e cultural, sendo que nesse campo de conflitos duelavam o capitalismo, que representado pelos EUA, e o socialismo, representado pela URSS.

Ao se trabalhar o assunto em questão no ensino de História, poderíamos pensar em uma gama de métodos e percursos didáticos, um deles seria o uso das histórias em quadrinhos como recurso pedagógico. Porque “sem dúvida, os quadrinhos representam hoje, no mundo inteiro, um meio de comunicação de massa de grande penetração popular” (RAMA *et al.*, 2006, p. 7) – e os estudantes da rede básica de ensino, com certeza habitam esse universo. Isso nos leva a encontrar relevâncias e sentidos no uso das HQs em sala de aula.

A HQ *Watchmen*, de enorme sucesso desde o seu lançamento, que “escrita pelo inglês Alan Moore e com arte do seu compatriota Dave Gibbons, foi publicada em 1986, dividida em 12 volumes mensais” (CORREA, 2009, p. 2), é a fonte escolhida para tal análise, ou seja, pensá-la enquanto possibilidade de recurso pedagógico para abordagens sobre a Guerra Fria.

Em um cenário emergente, de tempos em que educadores e educadoras precisam inovar em métodos de ensino e de aprendizagem, compete a esses profissionais caminhar para e com novas práticas, narrativas e abordagens pedagógicas. Isso busca proporcionar no e para o dia a dia das salas de aula, atitudes que formulem e permitam a presença de aulas cativantes, atrativas e que visem o surgimento de uma consciência crítica. As opções para se romper com o convencional podem e são amplas, compreendendo que “a pedagogia engajada, em alguma de suas versões, é o único tipo de ensino que realmente gera entusiasmo na sala de aula, que habilita os alunos e os professores a sentir a alegria de aprender” (HOOKS, 2017, p. 267).

Dessa forma, identificamos nas histórias em quadrinhos muitas possibilidades de práticas pedagógicas que podem atuar no sentido de construir aulas mais interessantes e atrativas, o que por consequência poderiam estimular e promover maior engajamento do grupo de estudantes.

Ao oportunizar na escola, um espaço para discussão sobre o tema, permitimos que novos pensamentos sejam construídos e que novas concepções sejam

desenvolvidas. A partir desse contexto, o objetivo deste artigo é analisar algumas representações da Guerra Fria, a partir da história em quadrinhos *Watchmen* (1986-1987), de Alan Moore e Dave Gibbons, e sugerir propostas para o ensino de História no 9º ano, ao se trabalhar o conteúdo da Guerra Fria.

O presente trabalho se refere a uma atividade realizada na disciplina optativa do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Regional de Blumenau (PPGE/Furb): *Comunicação e Educação – processos e interfaces*, realizada em 2021/1.

2 Revisão de literatura

Por muito tempo as HQs eram consideradas uma literatura nociva para as crianças e adolescentes. Porém, “aos poucos, [...] foi-se verificando a fragilidade dos argumentos daqueles que investiam contra os quadrinhos: uma nova base metodológica de pesquisas culturais conseguiu estruturar a sua evolução crítica” (CIRNE, 1977, p. 11).

No país é cada vez mais comum haver discussões acerca do incentivo à leitura para o público infantil. Uma das melhores formas de sanar esse problema é a utilização de revistas em quadrinhos, por apresentarem leitura agradável, divertida e de fácil entendimento, com personagens com diferentes características (CATUNDA, 2013).

Conforme Mota e Rosa (2018), as chamadas metodologias ativas, com início na década de 1980, procuraram trabalhar com métodos de ensino e de aprendizagem no qual o aluno adquirisse um papel mais ativo, comunicativo e investigador. Isso fez oposição a métodos que centram a aprendizagem na transmissão de conhecimentos. Dessa forma, o aprendizado vai além dos espaços físicos estabelecidos em sala de aula. Não há um consenso sobre o que seriam as metodologias ativas, ou uma definição homogênea, até mesmo porque não existe uma receita pronta para a prática docente.

Podemos pensar as metodologias ativas a partir do que destaca Morán, que as trata como “estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida” (MORÁN, 2018, p. 4). Ainda segundo o autor, o aprendizado a partir dos métodos ativos ampliam a atuação para além dos espaços físicos das salas de aulas tradicionais, possibilitando múltiplos olhares e possibilidades.

O ensino e a aprendizagem ativa tornam-se atraentes para educadores e estudantes quando envolve e relaciona-se com a nossa vida, nossos projetos e expectativas. E nesse âmbito de renovações no processo de ensinar e aprender, a utilização das HQs como ferramenta pedagógica, dialoga com essas perspectivas.

No desenvolvimento deste texto, foi adotado como viés metodológico a análise de discurso e suas representações, método que procura “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2002, p. 15). Analisar a questão do cenário social a partir de *Watchmen*, estabelecendo conexões com a Guerra Fria, “conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos” (CHARTIER, 1990, p. 23).

A compreensão acerca das histórias em quadrinhos enquanto importante fonte histórica é fruto de modificações que partem do modo e da maneira de se pensar e de se escrever a própria história. Os usos e as interpretações das fontes históricas pertinentes para a produção historiográfica sofreram significativas mudanças a partir da década de 1970. Por meio da terceira geração dos Annales a prática historiográfica trouxe “novos objetos, problemas e abordagens” (LUCA, 2008, p. 112). Nesses novos olhares, outros métodos e diferentes objetos, ganham vulto uma série de documentos.

A partir e com a terceira geração dos Annales, a prática historiográfica “realizou deslocamentos e propunha novos objetos, problemas e abordagens” (LUCA, 2008, p. 112). O campo de objetos para a escrita e pesquisa da História se torna abrangente, assim sendo possível de se trabalhar na pesquisa e produção historiográfica com fotografias, jornais, revistas, dentre uma infinidade de documentos, sujeitos, recortes e temas - modificando-se dessa maneira o olhar também em relação ao uso das histórias em quadrinhos para a pesquisa em história, mas também os usos dessa fonte nas salas de aula, ao se trabalhar no ensino de História.

A primeira publicação das histórias em quadrinhos no Brasil foi realizada em 1869, por meio da história de Ângelo Agostini denominada como *As aventuras de Nhô Quim*. Após um pouco mais de um século, os quadrinhos ou gibis, como popularmente são conhecidos, começaram a ser introduzidos em sala de aula a partir da implementação da LDB - Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional, instituída em

1996, a qual abriu espaço para que outras linguagens e manifestações artísticas, comessem a se fazer presentes na educação (RAMOS; VERGUEIRO, 2013).

Os quadrinhos são importantes ferramentas e auxiliam no aprendizado pela facilidade que há no processo de transmissão de informações. Outras características que também destacam o seu uso em sala de aula são: a linguagem que potencializa a capacidade de comunicação e o uso dos códigos representados pelo conteúdo linguístico (utilizado nas narrações) e o pictórico (imagens). Além desses, existem também outros elementos que valorizam e aproximam os leitores como: as linhas de movimentos, as metáforas utilizadas e o uso de balões representando a comunicação (VERGUEIRO; PIGOZZI, 2013).

Araújo, Costa e Costa (2008) corroboram esse pensamento e destacam que o uso dos quadrinhos em sala de aula pode, inclusive, facilitar o processo de alfabetização das crianças, além de instigar a leitura como um hábito frequente e saudável. Lavarda (2017) destaca também o uso dos quadrinhos para a compreensão de conteúdos desafiadores em sala de aula:

As histórias em quadrinhos, aliadas a um enredo de conteúdo científico, podem levar o aluno a compreender inclusive conteúdos abstratos, muitas vezes considerados difíceis, fazendo-o gostar e se interessar por eles, tornando-se assim material potencialmente significativo. (LAVARDA, 2017, p. 21).

Contudo, “a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidos, muitas vezes de forma até violenta, do ambiente escolar” (RAMA *et al.*, 2006, p. 8). Acreditava-se que o conteúdo fornecido por essa linguagem, não contemplasse meios e ou caminhos para uma formação cultural ou ética do cidadão. Segundo Carvalho (2006), no Brasil esse cenário não era diferente no início do século XX:

Aqui no Brasil, já em 1928, surgiram as primeiras críticas formais contra as historinhas: a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles “incutiam hábitos estrangeiros nas crianças”. Na década seguinte, em 1939, diversos bispos reunidos na cidade de São Carlos (SP) deram continuidade à xenofobia, propondo até mesmo a censura aos quadrinhos, porque eles

traziam “temas estrangeiros prejudiciais às crianças” (CARVALHO, 2006, p. 32).

De maneira geral, os “adultos tinham dificuldade para acreditar que, por possuírem objetivos essencialmente comerciais, os quadrinhos pudessem também contribuir para o aprimoramento cultural e moral de seus jovens leitores” (CARVALHO, 2006, p. 8).

De fato, a relação entre quadrinhos e educação nem sempre foi amigável, passando por momentos de grande hostilidade e outros de tímida cumplicidade, quando alguns professores mais ousados se atreveram a utilizá-los em sala de aula. Tratava-se de aplicações esporádicas, marcadas muito mais pela ousadia e entusiasmo de seus propositores do que propriamente por correção metodológica (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 82).

Os autores ainda ressaltam que as HQs são para diferentes públicos (sejam crianças, adolescentes ou adultos) e não devem ser utilizadas de formas indiscriminadas. Entretanto, mesmo as HQs que “se destinam apenas ao entretenimento e ao lazer, cujo conteúdo não foi gerado com a preocupação de informar ou passar conhecimento, podem ser utilizadas em ambiente didático, mas exigem um cuidado maior por parte dos professores” (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 84).

A presença e utilização das HQs “em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito” (RAMA *et al.*, 2006, p. 20). Fato é que, atualmente, o uso de histórias em quadrinhos, se apresentam como um atrativo e lúdico material pedagógico, e para sua utilização não há regras específicas, ou muito menos uma cartilha pronta a ser seguida; “pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino” (RAMA *et al.*, 2006, p. 26).

Vergueiro (2008) traz também em sua obra um importante alerta sobre a preparação prévia do docente antes da utilização dos quadrinhos em sala de aula. Segundo o autor é necessário que o professor busque um aprofundamento do conhecimento que será abordado em sala de aula e que realize conexões com o plano de aula.

E, ao adotar essa espécie de auxílio no ensino de História, na medida em que o estudante se sentir parte integrante do processo histórico no qual está inserido “mais terá vontade de interagir com ele, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer” (PINSKY; PINSKY, 2013, p. 28). Pereira (1985, p. 83) ainda destaca:

No ensino de história, o gibi pode ser usado tanto como recurso pedagógico ou como fonte histórica. Em ambos, o professor tem a função de levar o aluno a problematizar a realidade história partindo de uma leitura crítica das relações estabelecidas no universo da história em quadrinhos.

São muitas as oportunidades do uso das HQ's no ensino da história, entretanto, a sua utilização ainda é limitada, sendo utilizada timidamente pelas escolas brasileiras (VILELA, 2012, p. 01).

Por esse viés, torna-se cada vez mais importante a elaboração de estudos que tragam a reflexão sobre o seu uso em sala de aula, proporcionando novos diálogos a partir da utilização de uma linguagem atrativa com o cenário social do grupo de jovens estudantes mediante a necessidade e importância de inovações na educação.

3 Procedimentos metodológicos

O tipo de pesquisa desenvolvido para este trabalho é de cunho exploratório e descritivo, em uma abordagem qualitativa. Segundo Amado (2014), a investigação voltada para a educação se difere de qualquer outra área devido à especificidade do fenômeno educativo e dos seus autores envolvidos.

Segundo Gil (2018), a pesquisa exploratória tem como objetivo ampliar o conhecimento a respeito de um problema, trazendo clareza ao tema, contribuindo, assim, no desenvolvimento de novas hipóteses. A abordagem qualitativa é descrita como “aquele que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem” (MINAYO, 2010, p. 57).

De acordo com Serson (1996), a escolha da pesquisa deve garantir o direcionamento válido do estudo utilizando critérios adequados aos conceitos e

objetivos envolvidos, buscando sempre a validação e credibilidade das informações obtidas. A pesquisa qualitativa busca um direcionamento mais voltado aos aspectos socioculturais que podem ser expressos por meio de comportamentos, costumes, simbologias, valores, crenças, opiniões, usos e práticas (MINAYO, 2011, p. 18).

Flick (2009) descreve os pontos centrais que permeiam a pesquisa qualitativa:

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na formação adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção do conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos (FLICK, 2009, p. 23).

A sua utilização frequente no meio educacional se dá por vários motivos, entre eles o ambiente da coleta de dados e habitualmente o envolvimento dos pesquisadores nestes mesmos ambientes (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

A amostra é pautada na HQ *Watchmen*, de Alan Moore, que aborda a história de um cenário fictício, porém com aspectos que condizem bastante com o cenário real de mundo em contexto de Guerra Fria. Antes de *Watchmen*, Alan Moore, elaborou várias obras reconhecidas, atuando com temas sensíveis como o fascismo, protestos sociais e políticos, greves, guerra nuclear, além de histórias envolvendo alienígenas. *Watchmen* foi criado em 1986 e contou com 12 edições mensais até o ano de 1987 (VERGUEIRO; PIGOZZI, 2013).

Utilizar uma HQ é uma forma significativa e dinâmica para que os alunos possam ir além da leitura, possibilitando a criação e descrição de novas narrativas com o uso da sua própria imaginação, além de proporcionar novas leituras, pesquisas e construções (INÁCIO, 2003).

Segundo Guimarães (2012, p. 67), a obra *Watchmen* foi a primeira história em quadrinhos a ganhar um prêmio literário, o *The Hugo Awards* (criado em 1955) e, um de seus criadores, Moore, foi “um dos principais responsáveis pela elevação das revistas em quadrinhos à condição de literatura”. É também a única HQ a estar na lista da *Time Magazine* ao estar entre as 100 melhores obras da literatura na língua inglesa entre 1923 e 2005. Uma adaptação para o cinema foi feita, em 2009, sendo dirigido por Zack Snyder. “Alan Moore é considerado o mais politizado autor de quadrinhos, chegando a

atingir um alto grau de sofisticação ideológica e estética em suas narrativas, todas de exacerbada intertextualidade” (GUIMARÃES, 2012, p. 68).

A história de *Watchmen* se destaca por abordar temas variados que envolvem aspectos importantes tratados em sociedade, destacando o impacto da presença de vigilantes e super-humanos e o modo como convivem e se relacionam com os seres humanos. Pelo seu sucesso, em 2009, a série foi adaptada transformando-se em linguagem cinematográfica, já na primeira edição dos quadrinhos é possível conhecer a história dos 6 protagonistas: Rorschach; Ozymandias; Laurie Juspechzyk; Dr. Manhattan; o Comediante e o Coruja (VERGUEIRO; PIGOZZI, 2013).

A justificativa de escolha desta HQ, vai além do fato de ser uma obra premiada e de boa receptividade pelo público, mas também por fazer parte de um meio de comunicação que dialoga e atrai de maneira considerável o público jovem. A partir desses detalhes faz-se uma análise de algumas passagens da história, na qual se torna possível a conexão entre o roteiro da HQ e o tema Guerra Fria. Isso possibilita o uso dela no processo de ensino e de aprendizagem da disciplina de História, ao se trabalhar o assunto em sala de aula.

4 Sugestão de aplicação da HQ *Watchmen* no ensino de História

Ao se trabalhar o assunto Guerra Fria com os estudantes do 9º ano do ensino fundamental II, antes de iniciar e relacionar fatos históricos do conflito com algumas passagens da HQ, é interessante que o professor contextualize o tema com os estudantes. Por exemplo, a explanação sobre o assunto pode ter início com um levantamento a respeito da opinião dos estudantes sobre o tema, o que conhecem, por que o conflito leva o nome de “Guerra Fria”, se entendem o que é socialismo e capitalismo – são caminhos iniciais que podem estar sendo adotados.

Antes da próxima aula, deve ser enviada a versão da HQ em formato PDF, para que a classe discente faça a leitura sobre a história trabalha em *Watchmen*. A partir disso, em sala, o professor poderá trabalhar algumas passagens da narrativa da HQ, que exemplificamos, a seguir, relacionando-a ao contexto de Guerra Fria. Elencamos quatro momentos da história, que dialogam com o assunto trabalhado:

Figura 1: “O super-homem existe, e ele é americano”.



Fonte: Moore e Gibbons (1999, p. 13) – número 4

Na figura 1, no noticiário tem o que seria o âncora de um programa jornalístico se referindo ao Dr. Manhattan como uma espécie de “super-homem”, e que esse seria estadunidense, o que pode ser entendido como uma metáfora da ciência atômica – campo de disputa entre as duas potências envolvidas na Guerra Fria. O que proporcionou também uma disputa do campo tecnológico e científico que essas nações protagonizaram. Ambos os lados, EUA e URSS, “viram-se assim comprometidos com uma insana corrida armamentista para a mútua destruição” (HOBSBAWM, 1995, p. 233).

Figura 2: Jornaleiro dizendo que deveriam bombardear a URSS.



Fonte: Moore e Gibbons (1999, p. 1) – número 3

Na figura temos a representação de uma avaliação do jornaleiro, que “se referia a uma recorrente teoria de que seria possível vencer a guerra a partir de um primeiro ataque surpresa” (KRAKHECKE, 2009, p. 104). Também podemos evidenciar a partir do posicionamento do jornaleiro o medo existente em relação a chamada “ameaça comunista”, discurso muito recorrente no contexto de Guerra Fria. Até mesmo porque, este anticomunismo:

era genuína e visceralmente popular num país construído sobre o individualismo e a empresa privada, e onde a própria nação se definia em termos exclusivamente ideológicos (‘americanismo’) que podiam na prática conceituar-se como o polo oposto ao comunismo (HOBBSAWM, 1995, p. 232).

Figura 3: “Ninguém é louco de começar o conflito”.



Fonte: Moore e Gibbons (1999, p. 13) – número 5

Foi recorrente a sensação de medo que se generalizou no mundo, que para muitos estava a mercê de uma terceira guerra mundial, dessa vez com armas atômicas, e nesse contexto “gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade” (HOBSBAWM, 1995, p. 224).

Figura 4: Comediante trabalhava derrubando repúblicas marxistas.



Fonte: Moore e Gibbons (1999, p. 12) – número 1

A Guerra Fria, que possui em seu contexto de desenvolvimento as chamadas guerras periféricas, porque foi responsável por encher “o mundo de armas num grau que desafia a crença. Era o resultado natural de quarenta anos de competição constante entre grandes Estados industriais” (HOBSBAWM, 1995, p. 250) – EUA e URSS. Que nessa corrida de não enfrentamento direto, buscaram armar-se, pensando em um confronto bélico que poderia eclodir a qualquer instante.

Também, deixamos, um exemplo de ficha técnica que pode servir de modelo para uma possível avaliação sobre o assunto – o que porventura também pode ser acionada pelo docente, após correção, como uma possibilidade de socialização e debate sobre o tema a partir do que os estudantes entenderam sobre o conteúdo.

Quadro 1: Ficha técnica para analisar a história em quadrinhos

FICHA TÉCNICA - ANÁLISE <i>WATCHMEN</i> , DE ALAN MOORE	
Nome:	
Série:	
Título original:	
Ano:	
País:	
Palavras-chave:	
	Em <i>Watchmen</i> , podemos notar a construção de uma metáfora na figura do personagem Dr. Manhattan, que diz respeito ao poder armistício dos EUA, frente a URSS, até mesmo uma alusão a ameaças de armas nucleares. Elenque aqui, justificando e tecendo relações com o contexto de Guerra fria, passagens da HQ, e em que momento essa representação é trabalhada.
	O medo da população mundial quanto a uma guerra nuclear é explorado pela HQ, diante disto, encontre e construa argumentos, a partir dela, relacionando com o contexto da Guerra fria. Exemplifique e justifique o motivo desse cenário de medo e insegurança mundial em relação ao contexto.

Fonte: os autores.

5 Considerações finais

Com as repercussões presentes em sala de aula sobre a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, este artigo tem como objetivo analisar representações e sugerir propostas para a utilização da história em quadrinhos *Watchmen*, de Alan Moore e Dave Gibbons, para os alunos do 9º ano que possuem o tema guerra fria na disciplina de história, proporcionando reflexões, discussões e conexões importantes sobre a temática a partir da linguagem dos quadrinhos.

Os quadrinhos são, inevitavelmente, um poderoso veículo de comunicação, capaz de atingir com eficiência muitos consumidores e dessa forma capaz de divulgar valores, questões culturais e ideias que não devem ser apenas assimilados, mas avaliados e criticados. Na educação, os quadrinhos começaram a ser instituídos a partir da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, após enfrentar alguns desafios e receptividade no meio escolar, começou aos poucos fazendo parte da sala de aula. Atualmente, os quadrinhos e outras linguagens estão presentes inclusive nos materiais didáticos utilizados pelos alunos.

As histórias em quadrinhos utilizam uma mensagem linguística que na maioria das vezes compõem um aspecto narrativo no qual é feita a descrição das situações e ações a partir do uso de diálogos (POSTEMA, 2018). Quando utilizadas corretamente e a partir da construção e mediação do professor, os quadrinhos têm potencial para atividades muito além das relacionadas com a leitura e escrita.

Comum nos meios impressos, hoje, as histórias em quadrinhos fazem parte do nosso dia a dia e são consumidos cada vez mais por meio das tecnologias nos meios digitais. As histórias em quadrinhos proporcionam o interesse por parte dos alunos, possibilitando que eles se sintam cada vez mais motivados e curiosos a desenvolver novas leituras e descobertas (KRUGER; MICHELS, 2018).

O uso das histórias em quadrinhos, como trabalhado aqui neste estudo, pode ser uma das vias de possibilidade, para quem busca um pouco de inovação para as aulas de História, mas também quando usado em qualquer outro componente curricular. Em suma, “devemos entendê-la como mais um recurso pedagógico que, se bem empregado, pode trazer bons resultados” (VILELA, 2006, p. 106) – e não como o único método para se trabalhar determinado assunto. É importante atentar uma combinação com outras fontes e tecnologias, para que dessa forma a sequência didática do plano de aula tenha mais respaldo e segurança.

Também é importante enfatizar que este trabalho não tem a intenção de ditar regras ou oferecer modelos acabados e prontos, pois “em educação – em um período de tantas mudanças e incertezas - não devemos ser xiitas e defender um único modelo, proposta, caminho” (MORÁN, 2015, p. 25). O que se pode afirmar com toda certeza, é quanto à necessidade de romper com o tradicional, para que se possa vislumbrar novos horizontes para práticas pedagógicas inovadoras e atrativas.

Referências

AMADO, João. **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. Coimbra: Press, 2017.

ARAÚJO, Gustavo da Cunha; COSTA, Maurício Alves da; COSTA, Evânio Bezerra. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso didático-pedagógico. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes**, v. 1, n. 2, p. 26-36, 2008.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, DJota. **A educação está no gibi**. Campinas: Papirus, 2006.

CATUNDA, M. A. D. As histórias em quadrinhos no incentivo à leitura nas crianças: a realidade em algumas escolas de Fortaleza. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 3, v.3, n.1, p. 348-357, jan./jul. 2013.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990.

CIRNE, M. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CORREA, Wyllian Eduardo de Souza; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Watchmen e o discurso distópico do “bem maior”. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 6, ano VI, n. 2, abr.-jun./2009.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa**. Bookman editora, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. **Histórias em quadrinhos & cinema: adaptações de Alan Moore e Frank Miller**. Curitiba: UTP, 2012.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INÁCIO, Cleoni Fanelli. Na escola com as histórias em quadrinhos. **Comunicação & Educação**, n. 26, p. 101-104, 2003.

KRAKHECKE, Carlos André. **Representações da Guerra Fria nas Histórias em quadrinhos Batman – o Cavaleiro das trevas e Watchmen (1979-1987)**. 145 p. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

KRÜGER, Camila Holz; MICHELS, Josué. Colaboração do gênero textual história em quadrinhos no desenvolvimento da leitura e escrita. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 20, n. 1, p. 20-31, 2018.

- LAVARDA, Tabatta CS. da Silva. Sugestões do uso de histórias em quadrinhos como recurso didático. In: **EDUCERE-Congresso Nacional de Educação**. 2017. p. 21100-21107.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org). **Fontes históricas**. 2ª ed., 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2008.
- MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.
- MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. **Watchmen**. 4ª ed. Barueri, SP: Panini Books, 2019.
- MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, p. 15-33, 2015.
- MORÁN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. BACICH, Lilian, MORÁN, José (orgs). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.
- MOTA, Ana Rita; ROSA, Cleci T. Werner da. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Espaço Pedagógico**. v. 25, n. 2, Passo Fundo, p. 261-276, maio/ago. 2018.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- PEREIRA, M. A. **O gibi como recurso didático**. História: Questões & Debates. Curitiba, 1985.
- POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. Editora Peirópolis, 2018.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed., 3ª reimp. p. 17-33, São Paulo: Contexto, 2013.
- RAMA, Angela; *et al.* **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos na educação**. Editora Contexto, 2013.
- SANTOS, Roberto E.; VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS**, São Paulo, n. 27, p. 81-95. jan./abr. 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro; PIGOZZI, Douglas. Histórias em quadrinhos como suporte pedagógico: o caso Watchmen. **Comunicação & Educação**, v. 18, n. 1, p. 35-42, 2013.

VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3ª ed., p. 105-130. São Paulo: Contexto, 2006.